

COOPERAÇÃO E COOPERATIVISMO – FATORES IMPORTANTES PARA A SOBREVIVÊNCIA E CRESCIMENTO ECONÔMICO DE ASSENTAMENTOS RURAIS DE REFORMA AGRÁRIA

(Artigo de iniciação científica)

Rodrigo Prieto Castilho

Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS
rodrigo_preito69@hotmail.com

Vitor Hugo Rinaldini Guidotti

Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – UEMS
vitor_guidotti@live.com

Ernani Busanelo Carpenedo

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS
ernanicb@uems.br

RESUMO: Este estudo tem por objetivo reunir componentes teóricos, a partir da revisão bibliográfica, que permitam aprofundar o entendimento sobre a importância da cooperação e do cooperativismo em assentamentos rurais de reforma agrária. Com base no contexto atual, é importante destacar que assentamentos que se propuseram a desenvolver suas atividades baseadas na coletividade têm encontrado respaldo e resultados positivos, bem como geração de emprego, modernização da agricultura, combate à pobreza, combate à exclusão social e crescimento econômico.

Palavras-chave: Cooperação. Cooperativismo. Assentamentos Rurais.

1 INTRODUÇÃO

A reforma agrária é uma questão polêmica e vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões acadêmicas e na sociedade em geral, devido a sua relevância no contexto social brasileiro. Contudo o ato de distribuir terras às famílias que necessitam, não resolve os problemas, que vão muito, além disso, como desemprego e gestão em assentamentos rurais.

Entidades como o Movimento de Trabalhadores dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) desde o seu surgimento em meados dos anos 80 vem tentando implantar diversas formas de organização da produção nos seus assentamentos de reforma agrária. Este esforço visa alcançar melhores condições e resultados no que diz respeito à produção tendo papel

relevante nesse contexto, e uma das formas propostas por estas instituições é unir forças e a criar cooperativas.

Os assentamentos que têm recebido o apoio e a orientação do MST e da Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (CONCRAB) vêm assimilando a importância do cooperativismo e estão se organizando cada vez mais em cooperativas, tanto de produção como de prestação de serviços. Casos de destaque podem ser considerados os da Cooperativa Regional de Assentados, a COAGRI e o da Cooperativa do Assentamento Novo Paraíso, a COOPROSERP.

Com base neste contexto, emerge o objetivo deste estudo que é compor arcabouço teórico que possibilite aprofundar o entendimento sobre a relevância da cooperação e do cooperativismo em assentamentos rurais de reforma agrária. Para alcançar este objetivo, o escopo metodológico recai sobre uma revisão bibliográfica que possibilite reunir subsídios em torno do tema.

2 ASSENTAMENTOS RURAIS E COOPERATIVISMO

A complexidade presente em todas as etapas de atividades agropecuárias requer recursos, ações objetivas e soluções inovativas para que se alcance a sobrevivência e o sucesso. A cooperação e formação de cooperativas entre assentados exercem um papel relevante em assentamentos rurais, e segundo Scopinho e Martins (2003, p.127) a cooperação consiste em “[...] um modo de organizar e administrar a produção, através da divisão social do trabalho e da autogestão, somando esforços para adquirir e utilizar ferramentas, máquinas, sementes e matrizes de animais para a produção coletiva”.

O preceito da produção coletiva se deu na década de 80:

A primeira experiência de organização coletiva no MST deu-se em 1983, quando dez famílias foram transferidas do acampamento de Encruzilhada Natalino para uma área de 108 ha, adquirida pela Igreja Católica no município de Ronda Alta, estado do Rio Grande do Sul. Fundaram lá a “Associação de Agricultores de Nova Ronda Alta”, sem o parcelamento da área. Essa experiência serviu de referência para agricultores acampados e assentados da região Sul (AUED; GRADE, 2001, p. 7-8).

Para Scopinho (2007), “quanto ao modo de organizar a produção, a cooperação tem sido vista como uma saída para enfrentar e superar as dificuldades e a escassez de recursos decorrentes da ausência de políticas públicas que favoreçam a pequena produção e o desenvolvimento sócio-cultural e político dos assentados”.

Eid e Pimentel (2001, p.7) dão papel de destaque para a organização da produção e do trabalho e afirmam que “a partir do momento em que os trabalhadores sem-terra foram

organizando-se, a cooperação agrícola vem tornando-se uma importante ferramenta de desenvolvimento dos assentamentos de reforma agrária do MST”. Para os autores a cooperação tem sua evolução de forma gradativa:

A cooperação pode iniciar com as formas mais simples tais como: mutirão, troca de serviços e/ou de insumos, grupos de trabalho coletivo, semicoletivos e associações prestadoras de serviço e ir evoluindo, aos poucos, em direção a formas mais desenvolvidas de cooperação, como as Cooperativas de Prestação de Serviços (CPS), as Cooperativas de Produção e Prestação de Serviços (CPPS), Cooperativas de Crédito e as Cooperativas de Produção Agropecuária (CPA's). Através das propostas de CPA's, desenvolve-se o Sistema Cooperativista dos Assentados (SCA) para superação do isolamento das experiências.(EID; PIMENTEL, 2001, p.7-8)

No Brasil, a maioria dos assentamentos rurais são constituídos por lotes individuais, e para Franciosi (2007) os assentamentos que optaram pelo individualismo têm encontrado maiores dificuldades que os optantes por ações coletivas. Isso tem causado o esvaziamento desses assentamentos por absoluta incapacidade de sobrevivência, porém os que perceberam a realidade e se dispuseram a criação de cooperativas, embora também encontrem dificuldades, tem alcançado resultados mais satisfatórios, em alguns casos até melhores do que muitos pequenos agricultores em suas propriedades privadas. Para o autor, a adesão ao cooperativismo por parte dos assentados tem sido incentivada pelo MST e pela CONCRAB, que reconhecem as dificuldades que os assentamentos enfrentam, e entende que há necessidade da adoção de ações coletivas que garantam resultados positivos em suas atividades.

Eid, Scopinho e Pimental (1998) ressaltam que as Cooperativas de Comercialização e as Cooperativas de Produção Agropecuária (CPA's), em termos econômicos, podem representar o estágio mais avançado de organização da produção, pela agregação de valor ao produto, obtida através da instalação gradual de agroindústrias para o beneficiamento da produção e também pela diversificação de produção de legumes, frutas, e até mesmo indústria têxtil. Os autores enfatizam que o MST acredita que a produção agroindustrial cooperada pode trazer melhorias nas condições de vida de famílias assentadas, contribuindo para efetivação de uma política de fixação de milhares de famílias no campo.

Franciosi (2007), ao analisar a importância da produção cooperada, relata os casos da Cooperativa de Trabalhadores Rurais e Reforma Agrária do Centro-Oeste do Paraná Ltda. (COAGRI) e o da Cooperativa de Produção e Serviços de Pitanga Ltda. (COOPROSERP). No caso da COAGRI, caracterizada hoje como a maior cooperativa dos assentamentos do Brasil, foi fundada em outubro de 1993 junto ao Assentamento Jujuiá, localizado no distrito de Cavaco no município de Cantagalo, Paraná, que tinha como finalidade principal a comercialização de grãos, adubos, sementes, produtos veterinários, gêneros alimentícios e

prestação de serviços. No início, suas atividades eram restritas ao município de Cantagalo, mas ao longo destes cinco anos de sua existência teve um crescimento extraordinário e ampliou seu raio de ação para mais três municípios da região. A COAGRI também incentiva e auxilia seus cooperados a desenvolverem, além das atividades da agropecuária tradicional, outras atividades como a bovinocultura de leite, a hortifruticultura, a suinocultura, a industrialização de conservas e o cultivo de ervas medicinais, entre outras. A COOPROSERP, fundada em 1989 no município de Pitanga, no Paraná, foi pioneira na formação de cooperativa de assentamentos de trabalhadores rurais “sem terra”, do projeto de reforma agrária do Brasil, associando 42 famílias de trabalhadores rurais logo no seu surgimento, e realizando o controle de atividades como produção agrícola, bovinocultura leiteira, suinocultura, piscicultura, apicultura, erva-mate, malharia, serviços gerais administrativos e de manutenção.

Em relação à forma de operação,

A COOPROSERP, para desenvolver todas as atividades agropecuárias já mencionadas, lança mão de modernas técnicas agrícolas como o plantio direto, a adubação verde e adubação química, a rotação de culturas, a análise e correção do solo e o tratamento de sementes selecionadas. Na produção animal investe-se em matrizes, inseminação artificial e outras técnicas comprovadamente eficientes. A mão-de-obra é qualificada, pois os assentados estão freqüentemente participando de treinamentos internos e também fora do Assentamento. O uso de máquinas e implementos agrícolas tais como colheitadeiras, tratores, plantadeiras, grades e arados, também já é rotina no assentamento, complementando a utilização de modernas técnicas e mão-de-obra qualificada, para a obtenção de maior produção e produtividade. (FRANCIOSI, 2007, p.6-7)

Percebe-se, portanto, que a COOPROSERP trata sua atividade agropecuária com muita seriedade, não apenas como meio de subsistência para seus cooperados, mas também como um negócio, atingindo ganhos tanto no aspecto econômico-financeiro como no aspecto social para o assentamento, e para o autor, à medida que novos assentamentos vão aderindo ao sistema de cooperativas, esta forma de organização da produção se fortalece e se expande.

3 CONCLUSÕES

O cooperativismo e a cooperação têm encontrado respaldo teórico que lhes atribui grande relevância, revelando que para os assentados, organizar-se em grupos de produção coletivizada, como Cooperativas de Comercialização, Cooperativas de Produção Agropecuária (CPA's), trazem consigo a cooperação e a possibilidade de alcançarem melhores resultados. Os reflexos da opção pelo trabalho cooperativado tem sido percebido especialmente na performance da produção, comercialização e nos preços obtidos quando da

comercialização, resultados que individualmente seriam pouco prováveis de serem alcançados.

Com base na revisão de literatura realizada, observa-se que o cooperativismo é uma forma de organização que tende a possibilitar aumento na geração de rendas, fator preponderante para a subsistência e melhoria da condição de vida das famílias assentadas. A organização e o desempenho das cooperativas COAGRI e COOPROSERP merecem destaque, e podem servir de modelo para que outros assentamentos se espelhem e sigam esse modelo cooperativista. Diante dos resultados obtidos, entende-se que o objetivo proposto para o presente estudo foi alcançado, contudo, sugere-se que os esforços investigativos avancem para o nível de pesquisa empírica.

REFERÊNCIAS

AUED, I. M.; GRADE, M. Sistema Cooperativista dos Assentados do MST: dilemas e avanços por uma produção coletiva. **Desafio: Revista de Economia e Administração**, Campo Grande - MS, v. 02, n. 03, p. 05-20, 2001.

EID, F.; PIMENTEL, A. E. B. Economia Solidária: Desafios do Cooperativismo de Reforma Agrária no Brasil. **Revista Travessia**, v. 14, n. 39, p. 15-20, 2001.

EID, F.; SCOPINHO, R. A.; PIMENTEL, A. E. B. A dinâmica recente da organização social e produtiva em cooperativas de reforma agrária. **Anais... XVIII Encontro Nacional de Engenharia de Produção/IV International Congress of Industrial Engineering**. Niterói - RJ : ABEPRO-Associação Brasileira de Engenharia de Produção, 1998.

FRANCIOSI, E. O. O Sistema Cooperativo dos Assentamentos Rurais: o exemplo das cooperativas Coagri e Cooproserp. **Informe Gepec**. Cascavel - PR, v. 12, p. 105-120, 2007.

OLIVEIRA, S. L. D. **Tratado de Metodologia Científica**. projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1999.

SCOPINHO, R. A.; MARTINS, A. F. G. Desenvolvimento organizacional e interpessoal em cooperativas de reforma agrária: reflexão sobre o método. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre - RS, v. 15, n. 02, p. 124-143, 2003.

SCOPINHO, R. A. Sobre cooperação e cooperativas em assentamentos rurais. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre - RS, v. 19, p. 84-94, 2007.